

Perforum Desterro e Perforum São Paulo: repensando a colaboração entre a periferia e os centros.

Yara Guasque

Resumo:

O Perforum foi um projeto da rede que desenvolveu a linguagem intermídia em tempo real unindo as artes cênicas, a música e as artes visuais na atuação de dois grupos, Desterro e São Paulo. As teleperformances do Perforum constituem um acervo rico resultante das performances remotas de *telepresença* com scripts colaborativos. A colaboração nas teleperformances era negociada nas listas de discussão com diversos assinantes e participantes ativos. O projeto pensou formatos de interação a distância, performances e workshops colaborativos, e eventos com um público presencial e telepresencial que hoje são realidade como este Cultura e Pensamento. Também idealizou oficinas presenciais multidisciplinares de integração interacial muito antes de esta ser uma meta governamental, como a realizada em agosto de 1999 no sítio de Paula Perissinoto em Igaratá, São Paulo, organizada por Artur Matuck e coordenada por Hipahindi Toptiro da Nação Xavante.

Palavras chave: Perforum Desterro; Perforum São Paulo; Teleperformance; oficinas colaborativas multidisciplinares.

O Perforum foi desenvolvido por Artur Matuck em sua disciplina Escrituras Eletrônicas, lecionada no segundo semestre de 1998 no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, ECA USP. Participei desta disciplina na categoria de aluna especial, e pretendente a vaga do programa de doutorado na ECA/USP. Na disciplina tive como colegas Edson de Oliveira, Cesar Barros, Paula Perissinoto, Sidney Agostinho, Ivan de Sá, e alguns esporádicos visitantes, Otávio Donasci e Ricardo Barreto.

Artur Matuck na época se empenhava por efetivar e estabelecer núcleos interinstitucionais de diálogo em cidades distintas, e trabalhava na implantação de “Colaboratórios de Mídia e Performance”, que discutiriam roteiros e linguagem intermídia. Uma das parcerias possíveis em São Paulo para os Colaboratórios seria a Estação Ciência da USP, a outra fora de São Paulo, a UDESC em Florianópolis. Com a aproximação dos festejos do Brasil 500 anos, Artur propôs eventos de telecomunicação para discutir e incluir nas celebrações a participação dos índios e outros excluídos do ciberespaço. O projeto Perforum foi aprovado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, USP, para participar oficialmente das comemorações desta universidade dos 500 anos do Brasil.

O projeto se denominava “um evento de telecomunicação, artes, performance e novas narrativas”. Segundo Artur Matuck a integração nas comemorações do Brasil 500 anos visava o redescobrimto do Brasil de forma crítica estabelecendo uma interação dialógica entre cafuzos, europeus, africanos e americanos. Matuck acreditava que o projeto incitasse a reflexão sobre a interação homem-máquina e sobre os processos linguísticos decorrentes desta interação, sobre a expressão individual e coletiva, e fomentasse a participação dos excluídos do ciberespaço. Sua idéia inicial era fazer um

banco de dados de performances colaborativas. Em Florianópolis os cursos a distância tinham ganhado força e a Federal de Florianópolis tinha um laboratório voltado ao ensino a distância. Na capital do estado de Santa Catarina tanto a Federal, UFSC, quanto a Estadual, UDESC, participavam como um dos 14 núcleos (da Rede Nacional de Pesquisa, RNP) de um consórcio no território nacional que se chamou Rede Metropolitana de Alta Velocidade, RMAV. Este consórcio na época desenvolvia a conexão de banda larga entre as universidades, a Internet 2, estendendo o cabeamento de fibra ótica, monitorando o tráfego da rede, adquirindo equipamentos para edição, compressão e armazenamento de dados, e construindo bibliotecas digitais, onde depositamos parte do conteúdo das teleperformances do Perforum Desterro.

No início das discussões do Projeto Perforum sugeri que utilizássemos um destes pontos de alta velocidade para performances. Como eu estava sempre em trânsito entre Florianópolis e São Paulo, as telecomunicações funcionavam como estações, um lugar de passagem, encontro e troca, amenizando as distâncias e amalgamando os diferentes contextos culturais entre a Paulicéia e Floripa.

Criamos então dois grupos, o Perforum de São Paulo coordenado por Artur Matuck e o Perforum Desterro de Florianópolis que coordenei. Diferentemente do Perforum São Paulo, o Perforum Desterro em sua pesquisa criou sessões utilizando também vários sistemas como as sessões multicast, que na época estavam sendo testadas pela RMAV-FLN, as ligações discadas da RDSI, o streaming de vídeo em tempo real e as salas multiusuário do iVisit na internet. Um dos núcleos do consórcio era o da UnB em Brasília, outro o da USP em São Paulo. Assim o Perforum Desterro pretendeu realizar teleperformances usando o sistema multicast com o Corpos Informáticos em Brasília e com o Perforum São Paulo em São Paulo. Fizemos em meados de 2000 e início de 2001 uma série de sessões experimentais na Coordenadoria de Informática, COINF, da UDESC em Florianópolis como prática. Apesar das sessões experimentais terem sido assistidas, ou melhor, monitoradas pelos engenheiros da RMAV-FLN que verificavam as condições do tráfego da rede metropolitana, as sessões multicast nunca tiveram colaboração dos parceiros de telepresença acostumados a explorar plasticamente o meio. Mesmo assim treinamos o que seria um script colaborativo, o qual gostaríamos de realizar nas sessões multicast, criando com os parceiros remotos uma “roda d’ água de looping perceptivo” usando o *videostreaming* e o *whiteboard*. O script consistia em pedir que a imagem do vídeo recebida fosse reelaborada no *whiteboard*, que permitia o compartilhamento remoto do desenho em tempo real, e após a reelaboração que esse fosse enviado sendo retrabalhado da mesma maneira a cada ponto de recepção.

Membros fixos do Perforum Desterro eram Daniel Izidoro, que atuou como diretor no início do grupo, Leonardo Romão, Janaí Pereira, Cynthia Pimenta e Rodrigo Tramonte, todos estudantes de artes visuais da UDESC. Contamos com outros participantes oriundos das artes visuais como Michael Chapman, Fernanda Magalhães, Thomas Klasen, mas também das cênicas com a presença de Laurette Pasternack e o grupo Fome, Alai Garcia Diniz, Bruno Rocha, das letras como Fábio Brüggeman, da Tv como Francisco Caprário, da história como Beatriz Mamigonian, e da música como Januíbe. Toda participação era voluntária já que não tínhamos recursos para os pró-labores. Mais tarde submetemos Daniel Izidoro e eu o projeto Perforum Desterro ao PRONAC na Secretaria do Audiovisual. Em Florianópolis também submeti o projeto como evento de extensão ao departamento de artes visuais,

que o aprovou em 2000 como Implantação do Laboratório de Mídia e Performance para Internet 2 da Universidade do Estado de Santa Catarina. Utilizamos listas de discussão do Perforum e acabamos por criar dois outros grupos na plataforma social chamada Grupo: uma chamado Perforum-Intermedium e outro simplesmente Perforum.

Muitas vezes o grupo Desterro, discutindo sobre a natureza de sua atividade e pesquisa, concluiu que sua produção era para ser assistida preferencialmente com participação. Nas vezes em que deixamos apenas o link de videostreaming na página do site, elas tinham de acontecer mesmo sem participação em tempo real, e não serem disponibilizadas como um arquivo morto de vídeo na internet. A internet seria o lugar de hospedagem e de apresentação desses eventos em tempo real. Para nós enquanto Desterro, o que fazíamos se opunha a idéia de espetáculo, de coisa pronta pré-elaborada, pois as teleperformances eram o resultado da afetação do outro durante e no percurso da negociação do conteúdo que era elaborado ao vivo. Tínhamos consciência de que mesmo o site futuro, com os registros videográficos e o CD-Rom que resultaria dos arquivos, não abarcaria o que as performances tinham de essencial: ser uma contaminação e um diálogo em tempo real, uma manifestação de *Live Art* e *de Net Art*.

O Perforum Desterro documentou desde as primeiras sessões as teleperformances em video e chegou a editar na época dois videos sobre as teleperformances: *Perforum Fragmentos* que compilava os skripts e performances das três primeiras sessões, 1<sup>a</sup> Videoconferência: *Linguagens Interativas e Arte Experimental* de 23 de setembro de 1999, a 2<sup>a</sup> Videoconferência: *Encontro Interracial e Arte Interativa* com conexões entre São Paulo/ Florianópolis e Lorena de 22 de outubro de 1999, e a 3<sup>a</sup> Videoconferência: *A Economia do Amor: a questão da mulher negra e da gorda e Performance Telepresencial* de 17 de dezembro de 1999; e o vídeo *Evento Teleróide: Artista de Lata. Evento Teleróide: Artista de Lata* compilava material da 7<sup>a</sup> Videoconferência do dia 26 de junho de 2000, intitulada *Teleróides I e aula presencial* que ocorreu entre a Univali em Florianópolis e a Anhembi-Morumbi em São Paulo, que mostrou nossas pesquisas de linguagem em videoconferência. Artistas de lata eram brinquedos de lata, semi-autômatos de corda, que tinham um lápis acoplado ao corpo, uma referência direta `a low-tech que o Artur fazia. Já em nossa primeira videoconferência Artur tinha proposto como skript “Mecanismos de Risco”, que nós de Desterro entendemos como sendo uma proposta a experimentarmos algo de risco, nos expondo ao perigo. Martelamos objetos caros como nossos relógios (não tínhamos celulares na ocasião). Só depois descobrimos que “Mecanismos de Risco”, para o Artur, eram elementos capazes de riscar. Na sessão na qual os bonecos apareceram como atores, por causa dos problemas de conexão que tivemos, nós do Perforum Desterro optamos por enviar apenas nosso audio, criando assim uma narrativa encima da animação dos bonequinhos de lata do Artur. Enquanto isto ele respondia questões sobre a autoria do sistema e da colaboração homem máquina.

O Perforum de São Paulo dirigido por Artur Matuck iniciou um CD-ROM, mas acredito que este nunca foi finalizado.

A pesquisa que desenvolvemos tinha uma forte hibridização entre as linguagens. Nossa 1<sup>a</sup> Videoconferência: *Linguagens Interativas e Arte Experimental* de 23 de setembro de 1999 contou com diversos skripts, co-autorados e coletivos, e

experiências narrativas. Transmitimos o curta de Rafael Mamigonian, *Seu Chico*, um morador do sul da ilha que fabricava pinga artesanal, e que havia sido assassinado logo após o fim do documentário. Nossa idéia não era veicular ou transmitir um conteúdo já processado, mas nesta primeira sessão usamos um curta pronto como disparador de narrativas. O documentário mostrava Seu Chico falando sobre sua vida e sobre como via a criação do mundo. Ao mesmo tempo o Artur em São Paulo narrava sua releitura da criação do mundo no depoimento de Seu Chico no curta, e minha filha Ina Oestroem em Florianópolis, na época com dez anos de idade, desenhava esta narração recebida por telecomunicação. Seus desenhos mostram um globo representando o mundo de bengalas, um mundo velho, e um narrador de paletó e gravata (Deus como o criador do mundo ou Seu Chico) igualmente envelhecido e entristecido. As lágrimas deste homem entristecido formam os oceanos. O mundo novo criado mostra um jovem pelado e atônito, indagativo e exclamativo. O globo representado continha as Américas do sul, central e a do norte, os dois polos, norte e sul, a África, a Ásia e a Oceania. A Europa não estava representada. O Artur aparece como um Senhor futurístico, vestido de maneira informal com camiseta polo, rodeado de um foguete, um mergulhador equipado, e do planeta Saturno.

Nossa interferência no material recebido de início era física, analógica. Na tentativa de processarmos em tempo real as imagens recebidas, na mesma data pintamos Leo Romão e eu em uma tela solta e transparente as imagens digitalizadas pelo codec que recebíamos de São Paulo projetadas no tecido. Em outro evento Rodrigo Tramonte recobriu em Paint Brush a imagem de Otávio Donasci recebida por telecomunicação. Desta vez mesmo que a interferência fosse digital, não era em tempo real, pois não tínhamos ainda a ferramenta do *Whiteboard*, disponibilizada depois pela RMAV na rede de multicast, que permitia que pessoas desenhassem colaborativamente a distância.

Muitas vezes acabamos por desenvolver uma poesia interativa em tempo real. Mais claramente esta aproximação com a poesia visual se deu quando a limitação da webcamera impôs uma escala de objetos manipuláveis com a mão e não com o corpo. Em nossa transmissão oficial pelo iVisit em 10 de fevereiro de 2001, depois da de agosto no Festival Interacional da Linguagem Eletrônica, FILE, de 2000 que foi a inaugural, o equipamento e a falta de feed back de nossa performance corporal nos restringiu espacialmente e nos conduziu a uma poesia visual. Artur Matuck e o grupo de Fortaleza, que se chamou Etsedron, enviavam imagens de alguém desenhando sobre celofane. Como tivemos de trocar a placa de vídeo que havia sido queimada, toda a torre da CPU estava desmontada e sobre ela colocamos nossa serpente de borracha, companheira de muitas das teleperformances. Nossa produção compreendia um bife de fígado sobre teclado, cartelas de bingo, as bolas do bingo com seus números a serem cantados, a pedra preta do dominó, uma caveira, um osso poroso. Foi isso que mostramos para o pessoal de Fortaleza: uma referência ao jogo, à arte combinatória, à numerologia, à quiromancia. E eles fizeram uma performance com nossas imagens sendo projetadas sobre seus corpos. Escrevi de improviso uma poesia que parece não tê-los afetado em nada, pois continuavam a dançar e só se relacionavam com nossa intervenção enquanto imagem projetada nos corpos em movimento. Nesta experiência de poesia visual Língua/linguagem entendi o quanto as imagens são mais velozes que as palavras, pois pusemos em ação milhões de idéias.

Língua/linguagem.

Eu sinto a carne da língua macia

Víscera que cria

Repugnante com seus tentáculos e jogos abissais

Queria vê-la asséptica

Língua voraz

Parecia que não tinham escutado ou lido VÍSCERA QUE CRIA, ou tampouco as palavras CORPO VAZIO repetidas inúmeras vezes no Chat. Um buraco negro havia se instalado na performance e não tínhamos qualquer pulso da comunicação que se estabelecia de maneira nesciva. Desde as 16:00 daquele dia descartamos três das quatro placas de vídeo reinstaladas devido a queima de uma delas quando conectamos o data show. O iVisit ainda por cima nos derrubou do sistema várias vezes, e a sala multiusuário teve de ser recriada. Até as 17:40 não sabíamos se conseguiríamos enviar as imagens e o áudio. Cegos, devido a baixa resolução da placa no micro e da webcam, tivemos de instalar o software iVisit em outro pc e entrarmos como duas pessoas, uma como teste na sala multiusuário do iVisit para capturarmos nossa própria imagem e podermos visualizar nossa performance e os interagentes distantes, e outra como performers. Para os integrantes de Etsedron a performance era um espetáculo com público presencial, e só após seu término se voltaram para nós tentando ver o que estávamos performando. O teclado do Ruy Vasconcelos (também de Fortaleza, na época doutorando da PUC, poeta e tradutor) banhado de sangue do bife de fígado teria de ser lavado em casa, minhas unhas também, pois o banheiro da Coinf pelo horário avançado já estava fechado. O Artur, para concertar a frustração e a insatisfação reinante com a interação de ambos os lados, sugeriu que eu iniciasse o "Umbigo do Mundo", roteiro que eu havia proposto anteriormente, mas que no momento seria impertinente. O UMBIGO DO MUNDO consistia em todos mostrarem na webcam seu próprio umbigo. Já que é quase impossível matar o autor e esquecermos de nosso próprio umbigo, então mostrar o próprio umbigo me parecia um exame obrigatório, salutar.

Outras indagações quanto a experimentação do formato nos acompanharam, como no *Encontro Interracial* entre Hipahindi da Nação Xavante em São Paulo e o Sr. Sebastião da Penha, cacique da comunidade dos cafuzos de José Boiteaux em Santa Catarina, da 2ª Videoconferência de 22 de outubro de 1999. Com Daniel Izidoro dirigindo a troca entre os dois acabamos muito próximos de uma entrevista televisiva, o que nos incomodou. Também neste encontro questionamos o uso de tecnologias sofisticadas para nossas teleperformances e o desgaste físico do deslocamento do Sr. Sebastião da Penha de sua comunidade até Florianópolis. Na época a tão divulgada rede de alta velocidade entre os diversos municípios de Santa Catarina não havia sido concretizada no governo Amin. Depois de consolidada algumas escolas municipais do planalto contavam com webcams, o que possibilitaria a transmissão de um destes pontos com a presença de um representante Kaingang. Poderíamos fazer um evento paralelo a coleta do pinhão e ao culto aos mortos. Pedro Martins, professor da UDESC, que trabalhava com a comunidade dos cafuzos a anos me questionou sobre a validade de eventos unindo tecnologias de ponta e as comunidades indígenas. Além do desgaste do traslado e a exposição a outra cultura que não os beneficiava em nada, salientou que acabaríamos no mesmo cliché “desenvolvimentista” utilizado pela mídia do governo Amin. Na divulgação da consolidação da rede, como obra do

governo do Estado, utilizaram-se da figura de um cacique ligado a uma das escolas públicas para mostrar os índios “conectados” na rede. A questão ética da apropriação da imagem dos “nativos” nos inibiu quanto a outras sessões e performances com a presença de indígenas.

O sistema que utilizávamos era humano-computador-humano o que tornava toda interação muito complexa e caótica. Apesar de considerarmos primordialmente como participantes os inter-ativistas conectados na rede, muitas das teleperformances realizadas nos laboratórios de ensino a distância eram assistidas por um público presencial, mas o interagente era sempre a distância. O público presencial era formado quase sempre por estudantes e professores das universidades que sediaram nossas performances: UFSC, UNIVALI, UDESC em Florianópolis, e USP e ANHEMBI-MORUMBI em São Paulo. Tivemos também sessões com participação dos estudantes da PUCSP. Na agenda de 2000 do Perforum São Paulo e Desterro as sessões eram mensais: 18 e 19 de abril nas sessões relativas à comemoração do redescobrimento do Brasil, que apelidamos internamente como sendo os outros quinhentos; 26 de junho; 15 de setembro; 31 de outubro; 21 de dezembro; e no do ano de 2001: 08 de janeiro; 05 de fevereiro; 05 de março; e 09, 16 e 23 de abril de 2001. A sessão do dia 23 de abril de 2001 foi nossa última sessão tendo um desfecho inesperado com a saída de Artur da sala de videoconferência na ANHEMBI-MORUMBI que ficou magoado com minha pressão para que ele tivesse consciência corporal enquanto performava. O evento contava com um público presencial em Florianópolis na UNIVALI onde atuávamos, um telepresencial na sala multiusuário do iVisit com os grupos Corpos Informáticos de Brasília e o do COGEAE, Centro de Comunicação e Semiótica da PUCSP em Perdizes, São Paulo. O script era do Artur Matuck, Teleteksto, e sua pretensão era reescrever à mão um texto digitado de sua autoria enquanto interagia comigo a distância. Entendi que ele queria mostrar autodomínio, e que era blindado a qualquer interação de minha parte. Isto me fez mais agressiva.

Nossos grupos já viviam um desgaste com as disputas quanto as autorias dos roteiros, e o acesso ao material de documentação das performances. Com a inserção de novos participantes que não tinham vivenciado nem construído um repertório consensual, e com a proximidade de minha ida para Michigan, nos Estados Unidos onde eu estagiaria por um ano, acabamos Artur e eu rompendo uma parceria intelectual e uma amizade frutífera de anos, em plena performance com toda a oficialidade dada ser esta nossa performance de despedida do grupo. As reclamações dos participantes do Perforum Desterro já haviam se avolumado. Alguns pediam que abrissemos a outros núcleos e a novos participantes. Não entendíamos que o investimento de energia da participação dos membros do Perforum São Paulo era o mesmo dos de Desterro. Não víamos a mesma assiduidade em frequentar os espaços de videoconferência para a experimentação e desenvolvimento de uma linguagem nova. As aplicações que obtínhamos com os recursos e equipamentos das salas de videoconferência resultaram da prática contínua, assistência técnica e pesquisa. Para nós de Desterro os membros de São Paulo apenas apareciam na sala de videoconferência na data agendada para as sessões sem antes testarem as tecnologias e os skripts, pretendendo que nossa participação seria útil apenas para segurarmos cabos e assistí-los.

Neste aspecto dentre os grupos foi o Perforum Desterro que sistematizou as práticas semanais como um laboratório de desenvolvimento de linguagem, e teorizou sobre

esta prática publicando artigos, e no final uma tese, a de meu doutoramento. A conquista dos espaços de experimentação como o LED da UFSC, e as salas de videoconferência da UNIVALI e da ANHEMBI-MORUMBI também foram obtidas mais por esforço do Perforum Desterro do que do Perforum de São Paulo.

Nossa prática sistemática nos permitiu um domínio do equipamento com grande efeito estético como foi o da teleperformance também do dia 23 de abril de 2001, entre Gilsamara e Bruno Rocha. Gilsamara dançando imitando a cobra que eu manipulava e se desviando das bolas do Malabar, Bruno. O script era de Maíra Spanghero. Bruno Rocha que atuava como Malabar conseguiu se familiarizar com o painel de controle que selecionava as câmeras da sala de videoconferência da UNIVALI. A performance sucedeu a de Artur Matuck, Teleteksto. Em Desterro a imagem que devolvíamos a São Paulo era a que recebíamos apenas alteradas pelo controle da câmera. Bruno era capturado como malabar ao vivo e no videostreaming enviado à sala multiusuário do iVisit. As bolas coloridas nas duas cenas, mostradas no monitor e na tela de projeção, eram justapostas e mostravam diferentes delays e resoluções, o de baixa resolução da internet que as congelava no ar, e o de alta resolução de imagem da ligação por RDSI. Bruno ainda havia duplicado e mesmo triplicado no monitor da sala as imagens recebidas de São Paulo, chegando às vezes a espelhá-las em um mesmo monitor.

De minha parte reconhecia a vasta experiência artística em eventos de telecomunicação do Artur e seu alcance intelectual, e esforço por atrair em São Paulo a atenção de outros artistas e pesquisadores. Além da participação esporádica de Otávio Dosnasci, tivemos por exemplo na 9ª Videoconferência do dia 31 de outubro de 2000, intitulada *O Corpo no Ciberespaço: Bruxas e Ciborgues*, a presença de Lúcia Santaella, Rejane Cantoni, Ivani Santana entre outros em São Paulo. Em Florianópolis a taxionomia *telepresença* nas artes era totalmente desconhecida, fato que ficou demonstrado por a maioria dos participantes do Perforum Desterro não ter registrado em seus currículos suas participações como participações artísticas em eventos de telepresença.

O projeto submetido ao PRONAC, que Daniel Izidoro e eu escrevemos enquanto Perforum Desterro era ambicioso, e compreendia o orçamento das experimentações e performances, custos das transmissões e dos profissionais envolvidos, workshop de experimentações, documentação e edição do material das teleperformances, direito autoral, construção do site e do banco de dados, aquisição de equipamentos eletrônicos e manutenção dos mesmos, translados e diárias. O projeto Perforum Desterro chegou a ser aprovado em 2000 pela Secretaria do Audiovisual a captar recursos na ordem de R\$ 288.635,17, o que de fato nunca conseguiu captar. Com base nesta aprovação tentamos submeter para editais específicos como o da Petrobrás, o do CCBB, partes do projeto como as teleperformances mais ousadas e um workshop de telepresença em duas fases com público e debatedores a distância e presenciais, tendo cada uma das fases quatro dias consecutivos de duração, contando com artistas nacionais e internacionais como Ivani Santana do Brasiol e Marikki Hakola da Finlândia. Em um dos projetos ousados que nomeei de Belém/Belenzinho, pensei em construir um half de skate em Belém em Portugal e outro no SESC Belenzinho. Cheguei a visitar o Centro Cultural de Belém em Portugal e a falar com a dirigente na época do SESC Belenzinho. Teríamos assim participantes de pontos distantes compartilhando uma estação de half “concreto e virtual” ao mesmo tempo.

Outro projeto consistia em enviar os sinais da videoconferência para o painel eletrônico de Florianópolis, o Mídia Mix Painel Eletrônico Full Color da Av. Beira Mar, e simultaneamente para a rádio digital da UDESC. Já tínhamos compartilhado as teleperformances com alta definição de imagem e de som através do RDSI, ou datafone 64 (um para som e outro para imagem), através de videostreaming do Real Player na internet, e depois através das salas multiusuário do iVisit. Pensando em ampliar o público e a participação para as pessoas na rua, tentamos sensibilizar os transeuntes e ouvintes.

Como experiência do grupo para a submissão do projeto aos editais citávamos a participação no FILE de 2000 como evento de teleperformance. No Festival Internacional de linguagem Eletrônica, FILE, de 2000 que aconteceu no Museu de Imagem e do Som em São Paulo, o Artur Matuck propôs um painel intitulado *Perforum: Projetando fluxus de informação e conectando culturas*. Neste apresentei o texto “A interação Hipertextualizada: performance em videoconferência”, o vídeo *Evento Teleróide: artista de lata*, e como performance nossa primeira sessão de telepresença utilizando as salas multiusuário do iVisit em rede com participação em Florianópolis de Elisa Noronha.

Utilizamos além das câmeras sofisticadas os recursos óticos mais rudimentares como o espelho e dentre os espelhos os em suporte plano, côncavos e convexos, mas sobretudo os moles que deformavam a imagem. Também o catálogo *Anamorphoses, chasse `atravers les collection du musée*, publicado pelos Musée des Arts Décoratifs em Paris e pelo Rijksmuseum de Amsterdam esteve em várias de nossas performances presentes. Vi esta exposição em Paris em 1976 antes mesmo de ter entrado no curso de Artes Plásticas da FAAP.

Apesar do interesse formal nas Anamorfoses e recursos óticos de criptografar, capazes de chavear a imagem com os loopings e ecos de video e do próprio espelho, nos skripts que desenvolvi, *A Economia do amor: a questão da mulher negra e da gorda* (17 de dezembro de 1999), sessão na qual participaram Fernanda Magalhães e Elisabete Pinto do Fala Preta, um movimento das prostitutas negras do Recife, e em *O Corpo da Letra* (15 de setembro de 2000) a imbricação entre as linguagens verbal e a corporal era presente. Participei como interatora nos skripts propostos por outros quando estes eram abertos o suficiente para sustentar as interações que não eram previsíveis.

O desencadeamento das interações quase sempre beiravam o caos trazendo de forma inesperada emoções que são veladas nas interações sociais que focam a comunicação simplesmente. Na verdade criamos com as normas sociais impedimentos a percepção da presença de si e do outro. Eu procurava dar ao outro interator/interlecutor uma percepção fina, o pulso da aproximação entre seres. Na esfera animal a presença desencadeia várias reações involuntárias. A percepção da presença de outro ser é crucial, pois acaba por disparar dois comportamentos, o de fuga ou o de aproximação. Na aproximação também, dois comportamentos distintos podem surgir, ou da agressividade ou o da sexualidade. As camadas sociais ou os comportamentos sociais que criamos com a cultura permitem que possamos administrar a uma distância segura e negociável estes impulsos. Na telepresença, acredito que por termos assegurada a distância acabamos por transbordar um destes impulsos latentes na

aproximação entre seres.

Talvez estes dois elementos estejam refletidos nas metáforas que criamos enquanto Interações Telemáticas, o grupo de pesquisa que coordenei entre 2004 e 2006 no CEART/UEDESC e que tinha como propósito trabalhar nos arquivos das teleperformances do Perforum. São elas telefagia, esquizolinguagens que compreende esquizoescritura e esquizoperformance, e libidoeconomia. As metáforas, criadas para dar ao visitante uma opção diferente de navegação que a linear para acessar as diversas teleperformances, aglutinavam várias das teleperformances sob um mesmo guarda-chuva.

O grupo Interações Telemáticas formado pelos bolsistas de Iniciação Científica Fabian Antunes Silva, José Elias da Silva Jr e Luiz Haucke Porta tinha o propósito de pesquisar o material videografado e elaborá-lo como uma mídia interativa. A pesquisa **Elaboração das performances de telepresença do Perforum Desterro como uma mídia interativa**<sup>1</sup>, resgastou os vídeos das teleperformances do Perforum Desterro realizadas entre 1999 a 2001, digitalizou os arquivos videográficos do Perforum em VHS e editou mini-clips em minie-DV, recuperando e adequando o material, e disponibilizou-o online. Mas além da disponibilização online como uma mídia interativa do material videográfico, que em si consiste na investigação e criação de linguagem de *Web Art* e de *Net Art*, o grupo também procurou arquivá-lo com taxionomia adequada.

Como projeto experimental, o Perforum pesquisou a *telepresença* que era desconhecida como modalidade artística. Inexistiam as taxionomias de *Live Art* ou de *Net art* como modalidades competitivas dos festivais e salões, sendo a de *artes do vídeo* a que mais se aproximava. O que naturalmente era inadequado, pois as teleperformances tinham uma natureza mais processual e menos formal.

Não reconheço em minha formação anterior qualquer base que pudesse dar suporte aos eventos que criei de telepresença ou performance, utilizando os meios de comunicação. Toda a energia que depusitei no projeto Perforum inicialmente vinha de uma ansiedade pessoal de transpor o isolamento de morar em uma capital fora do grande eixo cultural representado por São Paulo e pelo Rio de Janeiro. Sou paulistana, nascida em São Paulo capital, cidade na qual me criei e vivi por trinta anos atuando como artista plástica e professora da Fundação Armando Pentead, FAAP, e estudante esporádica de disciplinas da Pós-Graduação na Filosofia e na ECA USP até 1986. E é onde estão minhas raízes culturais e onde reside toda minha família e amigos. Passei a residir em Santa Catarina em 1986 quando me mudei de São Paulo capital para primeiro morar por um ano e meio em Blumenau, e depois me fixar em Florianópolis onde vivo até hoje. Na época os doze anos de Santa Catarina representavam para mim um convívio com uma natureza belíssima, mas por outro lado um ostracismo cultural negativo devido a acanhada de Florianópolis de então. Florianópolis para mim não era uma cidade e sim um lugar, ou lugares, trajetos entre minha casa, a universidade, as trilhas atrás das cachoeiras e vistas do mar que fazíamos, a rodoviária e o aeroporto. Em 1998 eu havia acabado de defender minha

---

<sup>1</sup> As performances de telepresença do Perforum Desterro. Elaboração e edição dos vídeos de teleperformances realizadas entre os anos 1999 e 2001 como uma mídia interativa. Elaboração de site e de cd-rom (ou DVD) do material videografado.

dissertação de mestrado intitulada *Elementos Estruturais de Para uma Teoria das Cores de Goethe* no programa de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Voltar a frequentar um curso de Pós-Graduação em Artes e em São Paulo, num ambiente mais aberto e prolixo e menos autoritário, era um investimento financeiro e de energia física. Mas também uma oportunidade de tentar resgatar meu percurso no circuito cultural de São Paulo, circuito do qual participei nos anos anteriores a minha mudança para o sul.

Ainda no segundo grau fui aluna do curso livre da Escola de Artes da FAAP e tive como professora de Artes Plásticas Ana Maria Belluzzo. Neste mesmo curso fiz algumas aulas de teatro, improvisações sem grandes aprofundamentos. Voltei a ter aulas de teatro quando frequentei no Colégio Equipe as aulas de Carlos Alberto Soffredini como disciplina de artes. Minha aproximação com os suportes tecnológicos se deu primeiramente através da fotografia no curso livre da Escola Enfoco de Clode Kubrusly e depois na gravura em minha graduação em Artes Plásticas da Fundação Armando Álvarez Penteadado de São Paulo, entre os anos 1974 e 1979. Na FAAP apesar da pesquisa em novos suportes encabeçadas por artistas e professores como Regina Silveira e Júlio Plaza, e de eu mesma ter realizado inúmeras litografias e off-sets acompanhei muito pouco as experimentações com o video texto. Na gravura, modalidade na qual me concentrei, desenvolvi principalmente a xilogravura `a base de água como nas técnicas das Ukyo-ês do Japão.

Frequentei ainda enquanto estudante de graduação as bienais de 1975 e a de 1977 marcadas pela presença dos vídeos e a de 1979, pela arte holográfica. Cheguei a ouvir Vilém Flusser no saguão da FAAP no início de meu curso, que me marcou por afirmar que a arte era nossa reposta `a nossa efemeridade. As experimentações com video de Roberto Sandoval eu tive conhecimento na Escola Aster, criada por Regina Silveira, Júlio Plaza, Walter Zanini e Donato Ferrari em 1978, onde dois amigos meus estagiavam: Milton Sogabe e Marisa Fava.

Desenvolvi durante o período da faculdade e Festivais de Inverno de Ouro Preto os formatos mais tradicionais das artes plásticas, como xilogravura em madeira de topo com buril e de fio à base d'água, trabalhando com instrumentos e técnicas seculares. Meus professores de gravura foram Evandro Carlos Jardim, Mírian Chiaverini e Regina Silveira, mas acabei desenvolvendo a técnica da xilogravura `a base d' água e a arte caligráfica do Sumi-ê com Massao Okinaka em São Paulo e depois no Japão, onde fiquei um mês no início de 1980, entre as cidades de Tóquio, Kyoto, Osaka e Nara. Na época parecia muito démodé um artista jovem se dedicar a uma técnica milenar. Após minha ida ao Japão segui para a Alemanha, ficando todo o primeiro semestre de 1980 em Berlin. Para minha surpresa na então Hochschule der Künste, HDK de Berlin, os estudantes estavam, sobretudo, interessados na pintura de grande formato e muito pouco nos procedimentos industriais e tecnológicos de reprodução gráfica. No Brasil apesar das aulas de pintura na FAAP com Ubirajara Ribeiro e as de desenho com a Guta ou com Tomoshigue Kusuno, os suportes tecnológicos de reprodução gráfica tinham sido mais marcantes do que o processo pictórico propriamente. Nossa formação era de base conceitual.

Lecionei como professora substituta em 1980 e 1981 na FAAP as disciplinas de introdução `a gravura. Depois entre 1982 e 1984, como professora contratada, desenho e pintura e litografia. Só despertei para os suportes de telecomunicação na

aula de Artur Matuck e no início de meu doutoramento na PUCSP, nas aulas de metodologia da pesquisa lecionada por Winfried Nöth, quando redigia meu projeto de pesquisa. Antes em minha dissertação de mestrado na UFSC eu havia trabalhado sobre a relação da arte com a ciência focando os elementos estruturais de *Para uma Teoria das Cores* de Goethe como um texto artístico. Entre os anos de 1984 e 1986, ano que me mudei definitivamente para Santa Catarina, frequentei como aluna especial as aulas de Otilia Arantes e Victor Knoll na filosofia da USP, e a de desenho na Escola de Comunicação e Artes, ECA, com Carlos Alberto Fajardo onde Artur Matuck foi meu colega.

Reencontrei Matuck na festa de inauguração da Bienal de 1992 quando ele expôs o Projeto Refluxo, quando eu já morava em Florianópolis.

Para terminar gostaria de esclarecer a razão pela qual friso a colaboração como sendo a relação entre a periferia e o centro. Me refiro aos centros de cálculo para definir a colaboração entre estes dois grupos de teleperformance que estabeleceram uma interação continuada como um único núcleo por quase três anos entre 1998 e 2001. O termo centros de cálculo é de Bruno Latour ao analisar a cooperação entre as periferias e os centros de pesquisa que ele chamou centros de cálculo em seu texto “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. O texto foi publicado em *Tramas da rede*, livro organizado por André Parente.

O motivo maior que fez o Perforum surgir foi o da descentralização do conhecimento, ou nos termos de Bruno Latour, a distribuição dos pontos de capitalização do conhecimento. Acreditei num primeiro momento que as telecomunicações aprofundariam a interlocução e prolongariam a continuidade dos encontros durante os intervalos entre uma aula e outra fortalecendo o sentimento de pertencimento. Mas os pequenos grupos que se formavam nas disciplinas eram logo dissolvidos pelo ritmo dos compromissos. Pretendíamos povoar a rede com performances e discutir sobre os conteúdos da rede e contribuir para as possíveis aplicações das tecnologias disponibilizadas. Todos meus insights, termos que estava gestando, relações entre autores e bibliografias que estava pesquisando, sites inovadores que visitava foram nas listas compartilhados. Na rede poderíamos compartilhar idéias e projetos e conhecimento e, desta forma, vencer a barreira das distâncias continentais no caso do Brasil, e do segregacionismo imposto pelo pouco alcance e projeção cultural de outros centros.

Estas crenças foram empalidecendo com o tempo. Socialização do conhecimento e colaboração nos espaços entendidos como abertos da internet, são palavras de fé. O ciberespaço foi preenchido rapidamente pelas corporações, e o que houve de fato foi a de expansão dos centros de antes, e não a inclusão de outros “nós”. Nas metrópoles as redes são nutridas pelas relações presenciais, pelos encontros de esquinas. Os eixos culturais estabelecidos, caracterizados pelas relações de mercado e de trabalho e acostumados à capitalização do conhecimento e das relações pessoais, usufruem no ciberespaço dos mesmos privilégios. Não é tão fácil penetrar nos centros (nem nos núcleos duros do circuito das artes de São Paulo) e estabelecer os “nós”. Estes “nós” dependem de um repertório comum e das estratégias de ação que são consensuais. Na rede, mesmo que os contatos com outros pontos periféricos sejam fortalecidos, estes outros “nós” da periferia na verdade contribuem a capitalização que é feita nos

centros.

Gostaria ainda de comentar a impressão de Levy-Strauss sobre a implantação da linha telegráfica pelo Marechal Rondon no oeste brasileiro, iniciada em 1906 e inaugurada em 1914. Ao longo da linha as poucas famílias que resistiam mal podiam esconder o isolamento e a penúria de sua condição quando esta foi inaugurada. A implantação foi um fiasco desenvolvimentista segundo o antropólogo. Uma missão fracassada, pois ao ser concluída a tecnologia do telégrafo já era ultrapassada. O que podemos aprender desta experiência, é que as tecnologias envelhecem muito rapidamente, mas a vontade de estabelecimento destes “nós” ultrapassam a sobrevivência das tecnologias sonhadas como pontes.

Yara Guasque (Yara Rondon Guasque Araujo) Artista multimídia, doutora pela Comunicação e Semiótica da PUCSP, professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, PPGAV- UDESC, Diretora Cultural da ABCiber.